



Articulações entre gênero, raça e sexualidade: Masculinidades negras no cinema brasileiro.

Erik Ely da Cunha Prado (IC), Conceição de Maria F. Silva (Ceíça Ferreira) (PQ).

erikelyprado@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás (UEG) Goiânia – Laranjeiras: R. Prof. Alfredo de Castro, 9175 – Parque das Laranjeiras, Goiânia – GO, 74855-130.

Resumo: O presente artigo visa analisar as representações de masculinidades negras no filme curta-metragem *Diamante, O Bailarina* (2016, Pedro Jorge), correlacionando-as com a questão racial no imaginário cultural brasileiro. Partindo da pesquisa bibliográfica e da análise fílmica, busca-se discutir como são elaboradas e orquestradas as representações, assim como possíveis mudanças e inovações nos processos de representação do homem negro.

Palavras-chave: Homens negros. Representação audiovisual. *Diamante, O Bailarina*. Cinema.

Introdução

Ao analisarmos a construção das masculinidades negras na produção cultural em geral, podemos perceber uma série de padrões e comportamentos difundidos e repetidos como características naturais, como a truculência, a hipersexualização, a agressividade, a infantilização, a comicidade, a baixa capacidade intelectual e a condição de subalternidade. Porém, isso se constitui uma estratégia histórica de justificar as desigualdades raciais impostas aos homens negros na sociedade brasileira e nos sistemas de representação, visto sua presença escassa ou mesmo sua exclusão de espaços de poder, funções de prestígio e lugares de protagonismo. Tais valores e imagens são constantemente exploradas em outras produções audiovisuais, reiterando assim a desumanização do homem negro, o que incide na formação das identidades e subjetividades (FREIRE FILHO, 2005; CARVALHO, 2005; HALL, 2006).

Lembrando que o cinema atua como uma representação, ou seja, “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo



prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”, como aponta Jodelet (2001, p. 22). Dessa forma, filmes ou programas de TV “acabam, na maior parte das vezes, por reforçar o comportamento dos homens e as suas masculinidades, e das mulheres e da sua visão da feminilidade”. (VITELLI, 2011, p.158).

Considerando tais aspectos, é que este trabalho propõe analisar a construção das masculinidades negras no cinema brasileiro, a partir de do filme *Diamante, O Balarina* (Pedro Jorge, 2016, 22 min), nos quais busca-se observar a construção dos personagens na narrativa na imagem fílmica, articulando assim tais representações com o imaginário cultural brasileiro.

Material e Métodos

Utilizamos como referencial teórico-metodológico a pesquisa bibliográfica sobre a centralidade dos meios de comunicação e do cinema e seu papel na construção e difusão das masculinidades negras, com destaque para os estudos de Stuart Hall, Alan Ribeiro, Rolf Souza e Celso Vitelli; assim como as contribuições de estudos sobre a análise fílmica, com destaque para os estudos de Laurent Jullier e Michel Marie.

Resultados e Discussão

O filme *Diamante, O Balarina* já em seu título destaca o nome e a habilidade de seu protagonista (um boxeador negro, gay e *drag queen*), que é interpretado pelo ator Sidney Santiago, devido ao seu domínio corporal e seus golpes que remetem a dança, ganha o apelido de “O bailarina”, se destacando como boxeador no local de treinamento, onde ninguém sabe que à noite ele se apresenta em uma boate LGBT como a *drag queen* Sahara Diamante. Esse protagonista sofre preconceito por parte dos outros lutadores e do treinador Cezão (vivido por João Acaiabe) por ser gay e o esporte não ser para “viado”, como o técnico de maneira homofóbica, afirma durante um dos treinos.



Porém, o filme também nos oferece outros elementos de análise desse personagem principal (JULIER, MARIE, 2009), o que pode ser observado em duas sequências: 1- quando ele está na boate, se maquiando e se comporta de forma afeminada, dando indícios em sua fala e expressão corporal que gosta de atuar como passivo na relação sexual; 2- na sequência final do filme, quando finalmente é mostrada a performance artística de Sahara Diamante. Tais posturas se contrapõem às que o personagem precisa assumir na academia de boxe. Além do âmbito profissional, Diamante tem uma amiga, com quem mora junto; e durante a narrativa, ele se envolve com um rapaz, mas esta relação não é hiperssexualizada.

Juntamente com esses aspectos que indicam como tal representação subverte os padrões (RIBEIRO, 2015), ainda é possível verificar no comportamento de Diamante a ênfase em alguns atos de truculência, como por exemplo, quando ele esbraveja com sua colega de quarto, colocando nela a culpa de não ter sido selecionado para o campeonato, ou quando provoca, bate e ameaça o companheiro de treino que foi escolhido em seu lugar.

No entanto, de forma geral, esse curta vai além dos rótulos sociais atribuídos aos homens negros, ao abordar o protagonista com humanidade, com contradições (SHOHAT, STAM, 2006), o que pode ser observado também quando lhe é dada a missão de vender convites para seu show e fica no impasse se o faz ou não. No final, ele toma coragem e fixa um dos convites no quadro de avisos da academia de boxe, o que faz com que Cezão vá até a boate ver sua performance como a *drag* Sahara Diamante, mostrada com grande destaque no centro do quadro, o que pode ser indício de como o protagonista incita uma possível mudança de comportamento em seu treinador.

Considerações Finais

Em contraponto às representações audiovisuais mais comuns sobre homens negros (geralmente vistos em papéis secundários, sem relevância e hipersexualizados por meio do estereótipo do “negão”), esse curta ressalta dois homens negros: Cezão como treinador (lugar de poder dentro da trama) e a construção de Diamante, objeto



da pesquisa, um homem negro, gay e *drag queen* no papel principal subvertendo visões pré-estabelecidas, já que ele transita nos territórios de gênero e sexualidade. Dessa forma, análise confirma a relevância de se estudar as diversas modalidades de sentido sobre masculinidades negras que são orquestradas nos filmes.

Agradecimentos

À Universidade Estadual de Goiás, que por meio da bolsa de iniciação científica possibilitou a realização dessa pesquisa.

Referências

CARVALHO, Noel. Introdução: Esboço para uma História do Negro no Cinema Brasileiro. In: DE, Jefferson. **Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005, p. 17-101.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, n. 28, dez. 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____ (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. **Lendo as imagens do cinema**. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2009.

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homens Negros, Negro Homem: sob a perspectiva do feminismo negro. **REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, p. 52-75, ano 2, v. 2(2):2015.

SOUZA, Rolf Ribeiro. As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Fórum Identidades**, p. 97-115, 2014.

VITELLI, Celso. **Representações das masculinidades hegemônicas e subalternas no cinema**. *Análise social*, p. 157-169, 2011.